

ESCOLA E TRABALHO
EM UMA CIVILIZAÇÃO EM MUDANÇA

Anísio S. Teixeira

Desde que a humanidade iniciou sua luta de ajustamento às condições do mundo foram sempre raros os períodos criadores e merece ser observado que tais períodos não coincidiram com os períodos de "civilização". Tanto quanto sabemos, quando nos deparamos com a humanidade chamada "civilizada", encontramos o homem como criatura extremamente conservadora, mais disposta de guardar os conhecimentos do que de desenvolvê-los.

Entretanto, antes dessa fase, fora a humanidade altamente criadora, havendo conseguido a domesticação dos animais e todas as invenções fundamentais de ajustamento à vida, sem falar na linguagem, cuja descoberta gradual se perdia no tempo.

É com a "civilização" que se mergulha na grande estagnação. A grande criação que tornou possível a "civilização" — mesmo ela, de certo modo, anterior à "civilização" — foi a da escrita. Mas é curioso que mesmo essa descoberta não tenha aumentado a capacidade de descobrimento da humanidade. Pelo contrário, assim que foi descoberta a escrita, o trabalho dos escribas, com a utilização do novo instrumento revolucionário, fez-se um trabalho, ultra-especial, é certo, mas de conservação e não de renovação. O escriba fez-se não um dos elementos de criação da civilização, mas o de registro do que existia na civilização, constituindo-se o trabalhador especialíssimo de sua conservação. O período entre 3000 antes de Cristo e o século XVI, de nossa era, não registra nenhuma grande invenção revolucionária do modo de viver humano. A civilização faz-se suntuária, espetacular mesmo, desenvolve grandes confortos materiais, certas atividades artesanais se expandem e se aperfeiçoam, certo número de pessoas chega à riqueza, mas nenhuma grande descoberta revolucionária ocorreu durante este longo período de civilização, que, entretanto, se inicia com a maior de todas as descobertas, a descoberta propriamente do pensamento humano, da arte de pensar racionalmente, que nos trouxeram os gregos. Mas a arte de pensar não nos deslumbrou com a invenção, se-

não com a revelação, a contemplação e quiçá a compreensão do que já o senso comum nos trouxera. A arte de pensar, a princípio, foi mais apologia do que descoberta, buscando, como já disse, antes a compreensão do mundo e o prazer de sua contemplação do que descobrir-lhe as molas de sua transformação. Desta sorte, as escolas nunca foram feitas para ensinar sequer a descobrir o conhecimento mas para conservá-lo, pelo ensino fiel e exato.

quanto, desde o início, a escola se fez uma instituição partieu-

treinada para organizar o trabalho; e a segunda, a relativa simplicidade do treino para o operário.

A civilização anterior operava na base de um artesão altamente qualificado. Nos seus primórdios, a nova civilização industrial operava na base de alta organização e operário reduzido a "mão de obra". É evidente que tal processo produziu mecanização excessiva do esforço humano, não faltando mesmo alguns aspectos desagregadores no hoje fracionadíssimo trabalho humano.

A solução estaria em fazê-lo passar do fracionamento para a orquestração. Tudo, com efeito, estaria em que o "trabalho em série" pudesse realmente corresponder ao trabalho de uma orquestra. Também na orquestra a divisão do trabalho é extrema e a ordem desse trabalho uma imposição suprema. Mas como são todos felizes? Feliz é o maestro, o responsável maior. Felizes todos os músicos, do mais ao menos importante... E por que? Porque a ordem é compreendida e, mais do que isto, sentida. Todos, integrados, realizam o milagre do trabalho extremamente parcelado, fracionado, dividido e, ainda assim, inteiro, harmonioso, perfeito. No dia em que percebermos todas as virtualidades da divisão do trabalho, faremos da indústria algo que lembrará o trabalho musical. Para isto é que será necessário treino maior. Para isto é que teremos de dar a cada uma educação tão longa quanto a que sempre reservamos para aqueles a quem caberia não somente fazer, como compreender.

Nos dias de hoje, há, pela primeira vez, possibilidade para isto. A automação virá acabar com o operário antigo, com a chamada "mão de obra". Com as máquinas inteligentes e complexas de hoje, o operário não é "mão de obra", mas "cabeça", "mente" da obra. Serão em menor número mas muito mais educados. Trabalharão sozinhos como o antigo artesão no seu atelier. Mas não terão, como este, o prazer de fazer e pegar em seu trabalho e, por isto mesmo, precisam não de ser muito mais educados, mais educados do que o artesão da idade média. Precisam ter aquela rara educação que fazia com que alguns raros pedreiros, na idade média, ao britarem a pedra, sentissem que não estavam apenas britando pedras mas construindo a igreja. Nesse dia é que o sentido e o espírito de orquestra se poderá firmar no trabalho dividido, complexo e organizado do mundo de hoje.

Até que ponto a escola acompanhou todos esses fatos? Até que ponto atende a escola a essas novas condições de trabalho hu-

mano? Recordemos que a escola, originariamente, sempre visou preparar o trabalhador intelectual, ou o homem de lazer. No princípio, era só o profissional da inteligência, ainda que o chamássemos de sacerdote. Sua missão era a de aprender e conservar a cultura. O trabalho produtivo humano, êste era aprendido diretamente pela vida ou pelo tirocínio, nos casos de ofício que exigisse aprendizagem individual. Surge, depois, a escola primária, como escola comum destinada a ensinar as artes de ler, escrever e contar para uma sociedade, em que tais artes se fizeram imprescindíveis para o próprio trabalho. Neste sentido, a escola primária constitui-se a maior escola profissional do mundo moderno. Êste compreendia, então, escolas de cultura geral para formar as elites de lazer ou de governo, escolas especiais superiores para os profissionais liberais, e escolas primárias para o preparo inicial do operário e daqueles que iriam continuar, prosseguir com a sua educação escolar. As escolas médias, chamadas profissionais ou técnicas, constituíram sempre um hibridismo. Eran escolas que pretendiam formar o artífice, no que falhavam, pois êsta sômente se forma pelo aprendizado pessoal, seguido de tirocínio, ou formar o técnico de nível médio, o que conseguiam, por vêzes, em virtude dos fundamentos teóricos da formação dêsse verdadeiro tecnologista.

A situação presente se me afigura como exigindo uma revisão geral. Cada vez mais precisa o homem, para viver na sociedade artificial e complexa, em que se acha inserido, de uma boa educação intelectual, que à falta de outro nome, chamaríamos de geral, seguida ou complementada de aprendizagens de natureza ocupacional, destinadas a lhe dar emprêgo ou trabalho. Graças àquela educação geral, a sua posição em relação ou emprêgo se fará muito flexível, habilitando-o a melhorar, aperfeiçoar-se e mudar mesmo de setor profissional. Isto, quanto à educação comum. Quanto à especial, precisamos de preparar, como nunca, a equipe dos que irão não tanto guardar mas aumentar o conhecimento humano, os pesquisadores; depois os organizadores, administradores e diretores - os verdadeiros mestres, mestres das grandes orquestrações do trabalho moderno; finalmente, em substituição da antiga classe de lazer, preparar os poetas e os artistas, isto é, os profissionais destinados a interpretar, a dar significação, a nos dizer do sentido e do valor da vida e do esforço humano... Como a sociedade será extremamente organizada, o trabalho tremendamente fraciona-

do, e o conhecimento que a explica muitíssimo elaborado e espantoso
remoto, a função dos poetas e dos artistas — entre os
quais por si os grandes mestres do que se chama tão inadequadamente
de vulgarização da cultura e que chamo, num esforço de vulgarização,
de popularização da cultura — será da mais extrema importância.
São eles que darão o toque humano ao imenso formigueiro humano.

Assim seria o sistema escolar moderno: uma escola comum, prolongando-se até e chamado nível médio, destinada a oferecer à
criança e ao adolescente o preparo técnico nas artes de uma sociedade
fundada no conhecimento intelectual em permanente mudança, por meio do qual
poderia ir de logo trabalhar, ou prosseguir nos estudos, para níveis mais
altos desse mesmo trabalho, no ensino superior e na Universidade. Aquela
escola comum teria, apesar da diversificação, grande unidade. Todas as
antigas discriminações de separariam. A educação seria um grande esforço de
toda a vida, com um período de escola mais curto ou mais longo, conforme o
indivíduo, pela sua vontade ou pela sua capacidade, se dispusesse a um
patamar ou outro do grande esforço coletivo, todo é técnico e dinâmico, a
exigir preparo escolar da mais alta qualidade. Nesse grande sistema contínuo e
gradual de educação, o que fosse educação geral e o que fosse educação
profissional ou especial de modo se confundiriam, a educação geral sendo
sempre imprescindível para a visão geral do conjunto e a especial correspondendo
a um esgalhar-se dessa educação geral, conforme o nível e o ramo de atividade,
sempre em mudança, a que desejasse o homem se dedicar. Verifica-se assim
quanto os objetivos, em nosso tempo, da educação, seja ela geral e comum, ou
especial e profissional se reencontram em um objetivo maior, que é o do
preparo do homem para a sociedade em mudança em que vivamos...

/cpt.